

# Devoração: leituras de traduções de Lady Lazarus de Sylvia Plath e uma proposta de tradução selvagem

*Beta M. X. Reis*

*“Porque se o mundo, que é meu trauma, não para nunca de fazer seu  
trabalho, então ser maior que o mundo é meu contratrabalho.*

*Jota Mombaça*

*“The Phoenix from the flame / I have learned / I will rise /  
And you’ll see me return”*

*Sinéad O’Connor: Troy*

Este trabalho é tanto analítico como propositivo. Num primeiro momento, recuperamos teorias tradutórias, em especial de Rosemary Arrojo, Lawrence Venuti e os irmãos Campos. Então, pensando a nível teórico-epistemológico, há a busca pelo diálogo com perspectivas decoloniais e queer/cuír. Destaque maior é dado às reflexões de Tiganá Santana (2019). A seguir, a partir das traduções de Maria Fernanda Borges (PLATH, 1996), Mariana Ruggieri (2008), Mário Avelar (1997) e Rodrigo Garcia Lopes com Cristina Macedo (PLATH, 2018), temos uma operação comparativa que se dá no intuito de ressaltar aproximações, diferenças e possíveis sentidos articulados. A ideia não é de buscar homologias com o original, mas de perceber as possibilidades. O artigo se finaliza com uma proposta de tradução selvagem, termo meu, cunhada a partir destas reflexões e articulada com as noções postas pelos entrecruzamentos de identidades que me compõe como pessoa. Essa perspectiva é, ativa e conscientemente, uma tentativa de fuga de uma monológica e uma exortação pela múltipla possibilidade de articulação discursiva.

**Palavras-chave:** Teoria da tradução, transcrição, decolonialidade, queer, Sylvia Plath

The following work is analytical and, at the same time, is a proposition. At first, I bring back translation theories, especially those from Rosemary Arrojo, Lawrence Venuti and Augusto de Campos e Haroldo de Campos. I put in motion discussions regarding theory and epistemology, and to address decolonial and queer/cuir perspectives. Tiganá Santana (2019) takes an important place here. Following, I proceed with analysis regarding “Lady Lazarus”, Sylvia Plath’s poem, focusing on translations procedures. I look upon Maria Fernanda Borges (PLATH, 1996), Mariana Ruggieri (2008), Mário Avelar (1997) e Rodrigo Garcia Lopes com Cristina Macedo (PLATH, 2018) works in order to compare and highlight what is common or different among them. Additionally, I try to think about the many possible meanings those translations bring. I do not try to search for homologies, my effort is to look at possibilities. My paper ends with a wild translation proposition, as I call it. This procedure comes from the dialogue with such theories and my own crossing group identities. I aim to actively and consciously run from a monologic and I claim for a multiple profusion of discourses.

**Keywords:** Translation theory, transcreation, decoloniality, queer, Sylvia Plath

## Introdução

O objetivo deste artigo é, primeiramente, estabelecer comparações entre quatro processos tradutórios do mesmo poema: Lady Lazarus, de Sylvia Plath. Temos os trabalhos de Maria Fernanda Borges (PLATH, 1996), Mariana Ruggieri (2008), Mário Avelar (1997) e Rodrigo Garcia Lopes com Cristina Macedo (PLATH, 2018), sem intuito valorativo. Busco investigar como cada tradução atua envolvendo determinadas ênfases. Tal procedimento acontece num jogo entre teorias tradutórias e pessoalidades de cada pessoa que traduz. Já que analiso traduções em poesia, meu procedimento se inspira em reflexões articuladas por Augusto de Campos, que acessei através de Souza (1997) e Lourenço (2014), discutindo teorias e práticas de tradução, a nível sintático, fonético e semântico.

Qualquer teoria possui pressupostos epistemológicos de fundo. Ainda que uma teoria possa ser compartilhada em dois procedimentos práticos tradutórios, os resultados serão diferentes. Temos, assim, o fato pessoal e subjetivo presente em diferentes experiências. Não é o objetivo desse artigo fazer elaborações que tentem explicar pessoalidades. A busca, entretanto, é por marcar as idiossincrasias que operam em cada procedimento.

Tenho como pressuposto que a diversidade, é, em si, um valor. A diversidade nos permite ver diferentes nuances. A diversidade é um ver que é também um criar. Chegando a este lugar, a fim e a cabo, este artigo propõe uma prática tradutória que leve a sério essas assunções. Finaliza, assim, com uma proposta de uma reelaboração tradutória que envolve a transcrição ou tradução criativa,

de inspiração em Augusto de Campos (LOURENÇO, 2014, SOUZA, 2017) e Haroldo de Campos (JUNKES, RESENDE e CAMPOS, 2020).

Apesar de não serem propostas necessariamente idênticas, este trabalho não tem o intuito de uma análise pormenorizada e crítica dessas. Em meu texto, tais propostas serão pensadas na medida em que embasam livremente, ou selvagememente, meu procedimento. Esta proposta de tradução selvagem, como proponho e aqui a denomino, se ancora em reflexões *queer*, cuí e decoloniais, que serão apresentadas mais adiante. Minha busca é por marcar de forma inescapável uma personalidade que se embrenha nesses modos de pensar teóricos e, portanto, pensar um lugar de produção possível a partir de reflexões sobre quem somos e o que visamos.

Não busco aqui propor que toda e qualquer tradução deve buscar o mesmo procedimento. Acabo por agir com muito mais modéstia: apenas gostaria de demonstrar possibilidades e consequências dessa prática. Trabalho a partir de *Lady Lazarus*, de Sylvia Plath. A escolha deste poema não foi fortuita nem casual. Se relaciona diretamente ao fator suicídio, presente na vida da autora, e tematizada forte e belamente neste seu trabalho.

Morte por causas não-naturais, seja suicídio, ou assassinato, é um elemento marcante e tristemente é parte presente de vivências de pessoas LGBTQ+ no Brasil. Vale pensar que o suicídio, decorrente de sofrimento mental, é em larga medida advindo da rejeição social. Minha leitura do poema de Plath, bem como minha proposta de tradução dialogam diretamente com o fato de que não existe uma univocidade de signo, e que um sentido original nem sempre é o aspecto mais importante de uma leitura. O trabalho, portanto, tem tanto caráter de reflexão de práxis como de proposta de outra práxis. Ao final, o que poderemos avaliar são possibilidades de leitura para além de uma monologia.

## Perspectivas de traduções em diálogos

O mundo se faz (também) através de palavras, ou principalmente através. Acessamos as palavras de outras pessoas, dentro do mesmo idioma, ou dentro de dialetos de nosso idioma, e acessamos palavras de outros idiomas. Pensar tradução é uma urgência. Aqui, minhas reflexões envolvem tanto o aspecto de como podemos refletir sobre esse tema, bem como pensar no que há de imposto neste processo. Recuperando a citação inicial, há um mundo que traumatiza experiências. Há de se ir além.

Arrojo (1999) articula uma reflexão primorosa sobre a relação entre texto original e textos traduzidos, recuperando algumas teorias tradutórias do século

XX. Recuperando Nida, trata da teoria de equivalências. A metáfora do trem com vagões de carga é bastante ilustrativa. Teríamos correspondências de palavras, mas não de forma estrita. Diversas palavras carregariam mais de um significado, A busca, no fim das contas, se daria pelo transporte dos significados. Na sequência, Arrojo questiona a estabilidade do texto original e sua transportabilidade. Desse modo, a autora vai de encontro a Nida, trazendo a metáfora belamente trabalhada por Borges em “Pierre Menard, o autor do Quixote”. Nesse conto, Pierre Menard buscaria traduzir fielmente Dom Quixote, de Cervantes. Sua busca o leva a reproduzir o texto em sua literalidade, palavra por palavra, de forma idêntica. O conto de Borges é irônico, e questionaria o pressuposto epistemológico de uma verdade única, linguagem única, compreensão única.

Bohannon (1966), antropóloga, nos traz um relato primoroso de uma experiência vivida junto a uma comunidade africana. Quando buscou recontar a clássica história de Hamlet, encontrou diversos entraves para conseguir fazer transposições. Em muitas medidas, a história soava incompreensível para as pessoas a quem contou. Inclusive, pois o sistema de parentesco era bastante distinto, bem como ideias a respeito de fantasmas. Podemos perceber, deste modo, como que o procedimento de tentar traduzir algo necessariamente vai acabar esbarrando numa determinada fronteira cultural, caso se opte por uma fidelidade em relação ao texto original.

Sendo assim, como traduzir Hamlet para estas pessoas, afinal? Nesse caso, o tão propalado ditado “*traduttore, traditore*” precisaria ser levado ao pé da letra. A história deveria ser modificada sensivelmente, e isso necessariamente passaria por um processo de decisão. Sendo decisão, é marcada também por pessoalidade, além de teorias. E não seriam teorias também entrelaçadas com a tal pessoalidade?

Quando pensamos com o antropólogo Viveiros de Castro (2002), podemos perceber que as ideias que temos a respeito de como vivemos, por exemplo, numa distinção entre Natureza e Cultura, marcam profundamente nossa apreensão da vida num contexto ocidentalizado. Assim, para usar uma metáfora, nossa compreensão cabe dentro de nossos óculos. Com outra metáfora, agora bíblica, temos sempre traves nos olhos, e frequentemente nos preocupamos com o cisco no vizinho.

Essas reflexões, longe de fecharem o debate, o distendem, o estendem, e o tensionam. Entretanto, e entretecendo, minhas reflexões abraçam as de Arrojo (1999) aqui: “A tradução, como a leitura, deixa de ser uma atividade que protege os significados ‘originais’ de um autor, e assume sua condição de *produtora* de significados” (ARROJO, 1999, p. 24, grifo da autora). Não é possível protegê-los, a autora afirma. Como podemos pensar isso para além? Levando em con-

sideração que temos, sempre, teorias que nos embasam. Conscientemente, ou inconscientemente.

Cabe agora trazer Garcia Roza (ROZA, 1996) e Coutinho Jorge (JORGE, 2000). Em suas recuperações de teorias psicanalíticas, podemos entender que cada palavra utilizada só pode ser compreendida num conjunto. Temos o nível do enunciado e o nível da enunciação. A coisa ali, que lemos, é o enunciado. A enunciação passaria por meandros que muitas vezes desconhecemos. E nenhum texto é chapado em si. Ou seja, a minha leitura pessoal de um texto vai ser idiossincrática, e se associar a meus significados. Temos, porém, determinantes culturais que nos envolvem e constituem nossas leituras. Desse modo, ao ler um texto, nunca o leio só. Ninguém o lê por conta própria, na verdade. Isso implica a consciência de leituras que nos embasam.

Mais uma vez, colocamos aqui um problema de teorias que embasam as práticas tradutórias. Recupero, a seguir, procedimentos realizados por Augusto de Campos ao se debruçar neste procedimento com Emily Dickinson e John Donne. Busco também pensar com Haroldo de Campos em sua tradução de Jack Kerouac.

Começando com a batida *beat*, e pelo som, afinal. H. de Campos, com transcrição, afirma o diálogo: nem o original, nem a tradução, mas invenção. Como já vimos com as reflexões de psicanálise, tantas leituras são possíveis a partir de um mesmo texto, e H. de Campos bem o sabe. O texto tendo ritmo, a busca é por manter ritmo, e trabalhar linguagem a nível semântico, mantendo musicalidade e trabalhando uma tentativa de experiência de leitor que possa ser análoga. Ameaçar o original para poder transformar, e o corpo que surge se distingue do original (JUNKES, RESENDE e CAMPOS, 2020).

A. de Campos busca fazer um jogo que envolve tanto a elaboração formal das poesias, como também os níveis semânticos, e opera por tentativas de compensações. Se um verso tem uma ênfase, por vezes, melhor é que esta seja deslocada para outro, de modo que as escolhas possam ressaltar aspectos em momentos, e recuperar outros diversamente. Entende que, para conseguir isso, precisa, por vezes, trair, decidir, optar por quais caminhos vão trazer mais ênfases quanto ao que ele acaba por decidir valorizar. Faz isso a partir de seus estudos a respeito das autorias que traduz, e pensando também na língua portuguesa em suas possibilidades historicamente localizadas. Se atenta a aliterações, assonâncias, métrica, rítmica e semântica. Isso implica buscar ser fiel ao que consegue ler do poema, e não ao poema em sua literalidade. Entende que assim se cria, sua tradução é criativa, é transcrição (LOURENÇO, 2014, SOUZA, 2017).

Acima, menciono momento histórico. Vale lembrar que o idioma segue em transformação. Recentemente, por exemplo, palavras tidas como pejorativas, tais como “bicha”, passam a ser transvaloradas, e assumidas em uma positividade em determinados contextos e grupos (LIMA, 2017, MOURA, 2018). Isso envolve sempre aspectos políticos, afinal, quem decide quais são os usos da linguagem, senão mecanismos de poder? E estes passam por gramáticos, mídia, academia, dentre outros.

Considero que é importante trazermos as reflexões de Lawrence Venuti. Meu acesso a esta discussão é mediado por Reginaldo Francisco (2018). Venuti, dentro de um contexto estadunidense, considerava que manter elementos das línguas originais para a tradução poderia implicar num estranhamento interessante para a linguagem produzida, de modo que esta não fosse domesticada. Independentemente de considerarmos que o inglês é uma língua hegemônica, e que poderia valer a pena tal produção de ruídos, vale lembrar que no português que falamos no país temos um regime que também passa pela homogeneização. A busca de Venuti (FRANCISCO, 2018) se relaciona a escapar do etnocentrismo, e com isso me alinho, em especial considerando que temos, no Brasil, cultura hegemônica e muitas culturas dissidentes.

Neste sentido, poderíamos pensar se não valeria a pena buscar procedimentos tradutórios mais selvagens. O uso de selvagem aqui se comunicará, a seguir, com a língua selvagem de Alzandúa e a teoria selvagem de Halberstam, que trarei para a discussão. Se Venuti traz medidas da estrangeirização, eu opto por abraçar suas ideias apenas na medida em que se reflete sobre a ilusão tradutória: a leitura do texto como se houvesse uma correspondência estrita com o original. Meu intuito é ir para outro lugar com o original, mas é também reconhecer que, se trato do idioma português, ainda que brasileiro, de forma homogênea, a quem eu me dirijo? Nem “estrangeirização”, nem “domesticação”, mas procedimento de selvageria tradutória: bem dizer o texto original em outro idioma que não o que se supõe que todo mundo usa.

Reflexões sociolinguísticas de Bagno (2002, 2003) demonstram como existem variações regionais dentro do idioma português falado no Brasil, e como temos marcações de poder a respeito do que é aceito ou não, definidas por quem tem poder. Na sequência, podemos pensar em linguagens específicas de grupo, tal qual o pajubá (LIMA, 2017, MOURA, 2018), que implica regras e comunicabilidade específica, assim como carrega uma episteme e sentidos de sociabilidade. Que opções tomamos, qual linguagem, para quem? Qual norma se seguir?

## A tradução com lugar e com finalidade: quais teorias para quais práticas

Assim, busco um procedimento aqui que é tanto comparativo, como propositivo. Qual é meu lugar e minha finalidade? Quanto à comparação, busco demonstrar que sentidos possíveis se ecoam. Quanto a minha pessoalidade, assumo meu lugar queer-cuír de forma explícita, bem como me vinculo a reflexões decoloniais. De outro modo, quero dizer que meu lugar é também teórico, e minha finalidade, idem. E explicitamente política: busco construir uma linguagem possível que parta da minha pessoalidade, contudo conscientemente em jogo com meu lugar social e suas marcações, com vias a trazer uma linguagem possível que se comunique mais proximamente com universos que são existentes, visados e imaginados. É enquanto horizonte final: não mais monologia de linguagem, mas pluralidades possíveis. É destino: a busca por outros modos de existência, que já existem, e que cada vez mais exigem seus espaços. Assim, posso ecoar essas vozes num conjunto, do qual sou parte de alguma forma, e disseminar outro caminho que se faça para além dos determinantes sociais hegemônicos.

Quanto ao lugar queer-cuír<sup>1</sup>, menciono os aportes da filósofa estadunidense não-binária Judith Butler (2010), do filósofo (homem trans) espanhol Paul B. Preciado (2017), tradutora-pensadora-poeta (que se afirma preta e lésbica) Tatiana Nascimento (2018), da artista e pensadora Jota Mombaça (2015, 2016, 2017), que se afirma negra trans e gorda, e a artista-pensadora Castiel Vitorino (RODRIGUES, BRASILEIRO e ZAMBONI, 2018), que se afirma travesti preta e recupera ancestralidades afro-religiosas. Não é à toa que trago aqui os lugares identitários que essas pessoas foram colocadas ou se colocam.

E o que rapidamente dizer das pessoas antes referenciadas na primeira parte deste meu trabalho e proposta? São pessoas brancas, e até onde sabemos, são heterossexuais, cisgêneras. Coloco “até onde sabemos” pois não temos como realmente ter acesso a meandros identitários de pessoas. Existem situações variadas em que as pessoas não vivenciam abertamente suas identidades sexuais e de gênero. É importante também mencionar que, no geral, a produção acadêmica foi dominada

---

1 As teorias queer pensam as construções de identidades que são dissidentes em sexo, gênero e afetividade sexual. Suas ideias demonstram que esses elementos se dão, por completo, em construção social. Essas pessoas, em suas teorias, frequentemente fazem reflexões sobre tabus relativos a palavras, bem como buscar criar novos valores de existir no mundo. O entendimento destas teorias é político: além de se descrever processos, com recurso empírico e teórico, a busca é também por novas possibilidades.

por pessoas supostamente heterossexuais e cisgêneras. Isso sequer era um assunto pautado: opressão naturalizada, baseada em estruturas de sexualidade e gênero que governam o que é permitido e o que é execrado.

Pensando em gênero, este é construído em atividades sociais, que podemos chamar de performatividades em Butler (2010) e próteses em Preciado (2017). Não é meu objetivo tratar das diferenças teóricas destas autorias. Ambas igualmente entendem que isso se dá num jogo político, mas também um jogo afirmativo e tenso de resistências, já que sempre existiram e existem muitos corpos dissidentes. Mombaça (2015, 2016, 2017), Nascimento (2018) e Vitorino (RODRIGUES, BRASILEIRO e ZAMBONI, 2018) trazem um lugar específico de nosso país, matizado por cores daqui, e vivências daqui, e ainda assim em diálogo com as autorias já mencionadas, mas numa conversa *para além e adentro*.

Pensando ainda com o queer, ou cuír, e decolonialidade em diálogo. Menciono Anzaldúa (2005, 2009), que entende seu lugar mestiço, e que num belo artigo (ANZALDÚA, 2009), conversa sobre sua língua selvagem, e indomável, afirmando que não há como submetê-la por completo ao poder. Halberstam (2012, 2013) propõe uma teoria selvagem<sup>2</sup> [*wild theory*], na qual advoga que se passe ao largo de determinações sistêmicas rígidas e que larguemos mão de ortodoxias. Há um esforço experimental, que podemos dialogar inclusive com propostas de Deleuze e Guatarri (1992), já que esses autores entendem que é necessário experimentações controladas como rotas de fuga possíveis em busca de uma vida mais potente.

Gonzáles (1983), pensadora negra brasileira, nos apresenta uma forte discussão sobre o papel do racismo, e o faz isso com rigor teórico e um uso particular da linguagem. Em suas colocações, postula que falaríamos “pretuguês”, idioma mescla, idioma de influências, marcado pela racialidade africana. Pensando neste lugar local, menciono também que Anzaldúa (2005, 2009) é comumente referenciada como pensadora decolonial, e se entende como feminista *chicana*, *lesbiana*, *mestiza*. Isso significa ter, também, consciência geosociopolítica. É entender que o jogo é local e global. Há marcadores de racialidade que são impostos, vinculados a pertencas, reais ou imaginadas, de ancestralidades. São colocadas posições de poder, e países da Europa, e do eixo anglo-saxão, buscam ditam regras políticas,

---

2 No original, *wild theory*, o que nos permite diversos jogos semânticos: louca, incrível, irada, selvagem, que é a escolha de outras traduções, e também foi a minha, para dialogar mais diretamente com as outras perspectivas. Um aparte: selvagem se comunica com reflexões sobre populações ameríndias, vinculação que busco explicitar como pertença ancestral apagada, mas recuperada. Os outros sentidos de *wild*, considero contudo, estão também presentes em amálgama.



e epistemológicas, a toque de caixa. Isso é uma ferramenta que busca dominação (BALLESTRIN, 2013).

Contudo, seguimos dissidentes. A consciência disso é determinante para a prática tradutória que proponho, bem como a consciência queer. Podemos falar de um *queer decolonial*, ou um *cuír* (INÁCIO, 2018). Um aspecto essencial para frisar: a identidade *cuír* pode ser pensada como um jogo provisório, que traz influências externas e ancestrais, e que processa sexualidade e gênero de modos distintos às normas, bem como entende o local posto socialmente quanto a marcas raciais e/ou geográficas. É necessário entender como, por exemplo, o Brasil é visto no cenário internacional: somos Sul global, somos ex-colônias e, ainda, de muitas formas, seguidamente colonizadas e dominadas.

Por esta via, me adentro em reflexões articuladas por Tiganá Santana (2019), autor negro e brasileiro: “Sem aspirações universalistas, talvez nos caiba, urgentemente, contatar dimensões epistêmicas negras para a reflexão e práticas tradutórias. Eis o que chamaríamos de uma tradução negra hoje.” (SANTANA, 2019, p. 72). Essa exortação reafirma que epistemologias são marcadas por raça e cor.

De acordo com reflexões consagradas nas ciências humanas, da linguagem e filosofia, não podemos afirmar que exista uma ligação ingênua entre teorias e mundo. Dito de outra forma, cada mundo cultural específico estabelece determinadas teorias que informam as experiências que são vivenciadas. E, num jogo com o mundo, e o tempo, modificações ocorrem. Sendo assim, dentro de origens eurocentradas, temos o Sul global, e na América Latina (recuperando as reflexões decoloniais) não há, mesmo assim, uma única episteme.

Utilizamos tanto a língua de quem nos colonizou, bem como temos, como padrão, norma da elite, valores de origem europeia. Podemos listar aqui, por exemplo, valores ocidentais, tais como o cartesianismo, a justiça de origem no direito romano, o cristianismo, dentre outros. Não somos, como pessoas no Brasil e brasileiras, entretanto, apenas fac-símiles de portugueses e de outros povos europeus. A despeito de acordos ortográficos unificadores, nosso idioma tem uma inegável cor local. Ou melhor dizer, cores locais. Nosso idioma difere do português europeu e temos, além de tudo, diferentes dialetos país afora. Em nosso território, temos também idiomas indígenas. Entretanto, temos um acordo ortográfico que, mal ou bem, permite um nível de comunicabilidade entre falantes de português mundo afora.

Podemos pensar esses usos nas práticas e, a seguir, a investigação se dará com poesias. Temos “Lady Lazarus”, de Sylvia Plath, e temos quatro diferentes traduções para português, sendo duas de Portugal (Mário Avelar e Maria Fernanda Borges), e duas do Brasil (Rodrigo Garcia Lopes e Cristina Macedo; Mariana Ruggieri).

A poesia é uma forma que, em especial no século XX, passa por um nível de transformações que admite o uso de registros de linguagem que vão para muito além da formalização gramatical. O procedimento que apresentarei na sequência (“tradução selvagem”) buscará levar isso a sério, fazendo um exercício que é, em parte, de imaginação, em parte de criação de um destino visado. A pergunta norteadora sendo, no esteio de Tiganá Santana (2019), o que implica traduzir contatando dimensões epistêmicas outras? Imaginando que essas tais “outras pessoas” leem poesia, como de fato leem, e como leriam e poderiam traduzir? E se sou também uma dessas outras pessoas, a despeito do que me impuseram? E considerando que se busca um mundo diferente deste. Uma prática tradutória que entenda que existe um papel outro em seu fazer. Considero que isso não precisa passar pela tentativa de uma reprodução, seja na busca de uma equivalência estrita com sentidos de origem, menos ainda quanto ao idioma português no formato em que ele foi convencionado.

Esse procedimento é também inspirado por reflexões educacionais, tais como o youtuber Audino<sup>3</sup>. A partir de sua própria linguagem específica da periferia, do cotidiano, ele trabalha as ideias e conceitos de diferentes tradições filosóficas. O que seria isso senão um procedimento de tradução? E em qual língua opera?

Quando busco trazer Tiganá Santana (2019) adentro de minha proposta, o faço com respeito e reverência, e o faço pela consciência decolonial que abraço. É pela busca da produção de saber para além de referências eurocentradas, e que leve a sério contribuições epistemológicas outras e ricas, já que estas que tem muito a dizer sobre os mundos existentes e determinados mundos possíveis. A reflexão decolonial passa pela consciência de que a branquitude me foi imposta, que minhas ancestralidades foram apagadas, bem como acontece com muitas pessoas brasileiras. Sei que meu reconhecimento social é de pessoa branca, mas sou pessoa mestiça quanto às minhas raízes. Negar, individualmente, os privilégios que minha raça detém dentro da sociedade é impossível. Sendo assim, a consciência de uma mestiçagem (ANZALDÚA, 2005, 2009) se dá em busca por afetações que passem por outras lógicas, para que eu não precise simplesmente reproduzir as lógicas (ainda hoje) impostas pelos colonizadores.

Na medida do *queer* e do *cuír*, penso a partir, inicialmente, de uma violência de gênero que sofri. Uma identidade de gênero, que não era minha, me foi imposta. Essa imposição, a do gênero, foi particularmente dura em minha vida.

---

3 Canal do youtube: “Audino vilão”.

Eu a recuso ativamente pois ela, de fato, não é minha, e por mais que eu já tivesse pensado que era, nunca foi. O idioma português é feito em uma marcação de gênero estrita, e diferentes autorias buscam trazer ruídos para essa fala e escrita. Meu esforço também se dá neste caminho, e segue a lógica de imaginar outra leitura e criar outras leituras.

Meu entendimento passa pela ideia de que penso meu lugar no mundo, que não é *só* um lugar e nem um lugar *só*. Assim, o que faço diz respeito a outras experiências de vida e, portanto, linguagem. Meu esforço segue essa direção.

## Comparações em jogo

Para os objetivos deste trabalho, alguns trechos de Lady Lazarus, de Sylvia Plath, foram pinçados. A escolha desses trechos envolve uma busca por ressaltar alguns contrastes entre cada procedimento tradutório. Estas comparações não se pretendem valorativas, mas se defrontam com o original e umas com as outras, por vezes em confronto, por vezes em abraço. Mais interessa o que se faz do que o que pretensamente se deveria fazer. As pessoas que realizaram essas traduções são: Maria Fernanda Borges (PLATH, 1996), Mariana Ruggieri (2008), Mário Avelar (1997) e Rodrigo Garcia Lopes com Cristina Macedo (PLATH, 2018). A seleção de trechos envolve: o início do poema, as estrofes 12-15, e o fechamento do poema. Minha apresentação seguirá a sequência do poema tal qual ele é apresentado em suas diferentes publicações.

Meu procedimento segue reflexões que encontram eco em Augusto de Campos e Haroldo de Campos. São autores-tradutores que põe em destaque as operações rítmicas, fonéticas e semânticas, em simultâneo. Buscam um jogo controlado, que ecoe sentidos originais, mas que não se encaixe em uma ideia ingênua de “tradução como vagão de trem”, em que cada parte transmitiria o sentido da língua de origem. Isso se dá pela consciência da intraduzibilidade plena, e de que é necessário recriar para tentar redizer.

Anteriormente, com reflexões da psicanálise, sabemos que não temos nunca *apenas* uma leitura *só*. Seja porque a leitura não é solitária, pois se dá dentro da língua, mas também porque cada leitura tem determinadas idiossincrasias. Sendo assim, existe, acaso, uma leitura de fato legítima de um poema? Temos sempre múltiplas leituras, e a diversidade é um valor que aqui assumo, como já mencionei. Vale lembrar também que, como já elaborei, isso passa por transformações históricas de um idioma, bem como o aparato linguístico específico de cada pessoa ou grupo, mesmo dentro de um idioma maior.

Temos, a seguir, as três estrofes iniciais do poema.

**Lady Lazarus, Sylvia Plath**

I have done it again.  
One year in every ten  
I manage it –

A sort of walking miracle, my skin  
Bright as a Nazi lampshade,  
My right foot

A paperweight,  
My face a featureless, fine  
Jew linen.

**Lady Lázaró, por Mariana Ruggieri**

Eu o fiz de novo  
Um ano em cada dez  
Eu agüento

Um tipo de milagre ambulante, minha pele  
Brilhante tal qual um abajur nazista  
Meu pé direito

Um peso de papel,  
Minha face, como um pano inexpressivo, delicado  
Em linho judeu.

**A Senhora Lázaro, por Maria Fernanda Borges**

Voltei a fazê-lo.

Uma vez em cada dez anos

Lá consigo –

Uma espécie de milagre ambulante, a minha pele

Brilhante como a de um candeeiro nazi,

O meu pé direito

Um pisa papéis,

O meu rosto vulgar, fino

E de judia cepa.

**A Senhora Lázaro, por Mário Avelar**

Voltei a fazê-lo.

Uma vez em cada dez anos

Consigo-o –

uma espécie de milagre ambulante, a minha pele

Brilhante qual quebra-luz nazi,

o meu pé direito

um pisa-papéis,

o meu rosto, um fino e incolor

linho judeu.

**Lady Lazarus, por Rodrigo Garcia Lopes e Cristina Macedo**

Tentei outra vez.

Um ano em cada dez

Eu dou um jeito -

Um tipo de milagre ambulante, minha pele

Brilha feito abajur nazista,

Meu pé direito

Peso de papel,

Meu rosto inexpressivo, fino

Linho judeu.

As primeiras estrofes em Mário Avelar (MA) e em Maria Fernanda Borges (MFB) seguiram um procedimento tradutório quase idêntico, exceto pelo verso final. Quando MFB usa “Lá consigo”, temos um estranhamento em relação ao uso cotidiano do idioma português no Brasil. Uma expressão infamiliar. Aqui, já podemos pensar um ruído quanto a procedimentos. Vale ressaltar que ambas as traduções foram operadas em Portugal. “Lá consigo” pode trazer uma ideia de espacialidade como temporalidade, tal como “momento em que consigo”. Pode também dialogar com uma ideia quase oposta, como que negando a ideia de se conseguir algo, quase que ironicamente, quase que se dizendo que é por pouco. É interessante também notar que, em português, temos “consigo” podendo operar como verbo e como pronome, e aí se dirigiria a quem? Essa polissemia não é explícita, mas é uma operação de leitura possível aqui. O uso de MA não a autoriza.

Ao se pensar no uso de Plath: “I manage it”, numa leitura tempo-espacial explicitamente localizada em meu momento presente, é possível se ler “management”. Podemos pensar em gestão, em controle, em administração. Num nível mais coloquial, poderíamos ter “dar conta”. Mariana Ruggieri (MR) segue um esteio que se alinha um pouco mais com esses sentidos possíveis, mais próximos de registros do cotidiano. “Eu aguento”.

MR traz “Eu o fiz de novo / Um ano em cada dez”, ao início de seu poema. A homologia com a proposta de Plath acompanha aspectos de forma e tamanho de verso, e ficam mais próximos à coloquialidade. Rodrigo Garcia Lopes e Cristina Macedo (ReC) se diferencia de MR em primeiro e terceiro verso da estrofe. “Tentei outra vez” faz o jogo com “dez”, abaixo como “again” faz com “ten” em Plath.

Quando trazem “dou um jeito”, temos o jogo do som “t”. Este procedimento se abraça mais ainda à coloquialidade da língua portuguesa brasileira, e acaba também por resvalar numa categoria nativa de nosso país: “jeitinho”. “Jeito”, também, vai rimar com “direito”, como “it” se aproxima de “foot” em Plath.

Na estrofe seguinte do poema, MFB e MA estão, mais uma vez, numa operação de aproximação. MA diverge de Plath no uso de maiúsculas e minúsculas, enquanto MFB faz uma recuperação em correspondências exatas. Cabe mencionar que MA é a única das autorias tradutórias aqui trazidas que propõe este procedimento tradutório nesse tocante.

MA destaca apenas a palavra “Brilhante”. Dessa forma, “Brilhante” pode ser tomada como palavra de destaque dentro da estrofe, numa leitura espacializada. Todo o resto da estrofe teria sua luminosidade vinda daí. E vale lembrar que “brilhante” corresponde, polissemicamente, à inteligência e genialidade. Tanto no idioma inglês, como em língua portuguesa, seja no Brasil, bem como em Portugal.

MFB opta por “candeeiro” e MA utiliza “quebra-luz” para a palavra “lampshade”. O uso de MA tem uma correspondência mais literal com Plath, ao passo que se distancia de registro de linguagem cotidiana. “Candeeiro” faz um jogo assonante com “ambulante”. “Quebra-luz” faz um jogo aliterativo com “Brilhante”. O jogo de assonância é encontrado em Plath com “walking”, “skin” e “lampshade”, aliterações em “walking”, “miracle” e “skin”.

MR, assim como ReC, seguem com o uso de um registro mais próximo da coloquialidade. Usam “tipo” ao invés de “espécie”, e se aproximam da concisão de Plath em “a sort”. Este uso também dialoga com aspectos materiais, como ao dizer “um tipo de roupa”. Mas podemos usar também “um tipo de mamífero”, bem como “espécie”. Essa semântica, entretanto, se aproxima de palavras como “tipologia”, consagrada em reflexões filosófico-conceituais.

Temos um momento de cisão entre as quatro poéticas tradutórias, e cisão é decisão. As escolhas possíveis para expressões comparativas são múltiplas e diversas. Em Plath, temos a concisão de “as a”. MR usa “tal qual um”, que acaba recuperando o uso de “aguento” realizado na estrofe acima. MFB opta por “como a de um”. MA elide o artigo, usando apenas “qual”. Cria, assim, jogo aliterativo com a palavra seguinte em seu verso, e é a opção mais concisa.

Para ReC, a pele não é “brilhante”. A pele “brilha”. Menciono aqui que em Plath temos “(...) my skin / Bright as a (...)”. O uso de “feito” traz uma reflexão de parentela a respeito de coisas que são “feitas”. Ou “grandes feitos”. Fazem, também, um jogo com o verso “Eu dou um jeito –”. ReC, assim, criam uma outra

possibilidade-tipo-espécie de poética tradutória. Aproximam-se da concisão de Plath. Neste jogo de busca de diálogo com o original, cabe mencionar que MA e MFB usam “Nazi”, enquanto ReC e MR optam por “nazista”. O último registro é mais comum no Brasil. Também, ReC e MR, optam por abajur. Vale lembrar que um abajur se aproxima de um quebra-luz.

MFB e MA usam artigo antes de “meu pé direito”. MR o dispensa. No idioma inglês, este artigo não existe. Em português, é opcional. ReC vão além de MR na concisão, abrindo mão do artigo também em “Peso de papel”. MR dispensa algumas vírgulas, existentes em Plath, ao final de versos. Nesta leitura, a pele brilhante (que é como abajur nazista) teria uma homologia com o “pé direito” e o “peso de papel”. E este “pé direito”, aqui, acaso pode ser também o da casa? E assim temos a fundação dupla, o pé da pessoa e o pé da moradia.

MA, MFB e ReC seguem a linha de Plath na escolha de pontuação. O efeito de continuidade entre último verso da segunda estrofe e primeiro da terceira também é mantido, assim como MR o faz. “Pisa papéis” é a escolha de MFB. MA segue o mesmo uso, porém hifenizado. São palavras de uso do português em Portugal. Plath trouxe “paperweight”, enquanto MR e ReC utilizam “peso de papel”, corrente no Brasil. MFB propõe “vulgar” para dizer “featureless”, MA elide a palavra e propõe “incolor” ao fim do verso. MR e ReC optam por “inexpressivo”. No momento que MFB toma essa escolha, propõe inclusive o rosto como vulgar. Vale lembrar a polissemia de “vulgar” no português. Plath afirma “face” como “linen”, mas adjetiva o segundo substantivo. ReC escolhem usar “rosto” ao invés de “face”, reiterando o fonema “t”, que presente em Plath com “featureless”, é deslocado para outra palavra.

Este é um momento em que vemos muitas possibilidades da operação poética tradutória. Cada um dos usos ecoa o poema o original e o leva a outras direções possíveis, tal como qualquer tradução acaba por fazer. Em especial, pelo fato de toda língua viva segue em transformação.

Trago, aqui, que MFB propõe que o rosto tem uma cepa. Esta palavra evoca linhagens, e temos assim parentela com “linen” de Plath, aproximada de “lineage”. As outras autorias usam “linho”, porém MR opta por reiterar a poética do tecido, sentido possível, usando “pano”.

Seguimos, agora, e trataremos das estrofes 12-15.



**Lady Lazarus, Sylvia Plath**

Nevertheless, I am the same, identical woman.  
The first time it happened I was ten.  
It was an accident.

The second time I meant  
To last it out and not come back at all.  
I rocked shut

As a seashell.  
They had to call and call  
And pick the worms off me like sticky pearls.

Dying  
Is an art, like everything else.  
I do it exceptionally well.

**Lady Lázaró, por Mariana Ruggieri**

Contudo, sou a mesma, idêntica mulher.  
Na primeira vez que aconteceu eu tinha dez anos.  
Foi um acidente.

Na segunda vez eu pretendi  
Aguentar e nem sequer voltar.  
Eu fechei em pedra

Como uma concha do mar.  
Eles tiveram que chamar e chamar  
E arrancar de mim os vermes, pérolas grudentas.

Morrer  
É uma arte como todo o resto.  
Eu o faço excepcionalmente bem.

**A Senhora Lázaro, por Maria Fernanda Borges**

Contudo, sou precisamente a mesma mulher.

A primeira vez foi aos dez anos.

Foi um acidente.

Da segunda vez eu quis mesmo

Ir até ao fim e nunca mais regressar

Voltei fechada

Como uma concha.

Tiveram de me chamar e voltar a chamar

E arrancar de mim os vermes como se pérolas pegajosas.

Morrer,

É uma arte, como outra coisa qualquer.

E eu executo-a excepcionalmente bem.

**A Senhora Lázaro, por Mário Avelar**

Apesar disso, sou a mesma, exactamente a mesma mulher.

Da primeira vez que aconteceu, tinha dez anos.

Foi um acidente.

Da segunda, quis

que fosse a sério e que esse caminho não tivesse retorno.

Fechei-me

como uma concha.

Tiveram que chamar por mim, chamar,

e arrancar os vermes de mim como se fossem pérolas pegajosas.

Morrer

é uma arte, como tudo o mais.

Faço-o excepcionalmente bem.

### **Lady Lazarus, por Rodrigo Garcia Lopes e Cristina Macedo**

No entanto sou a mesma, idêntica mulher.  
Tinha dez anos na primeira vez.  
Foi acidente.

Na segunda quis  
Ir até o fim e nunca mais voltar.  
Oscilei, fechada

Como uma concha do mar.  
Tiveram que chamar e chamar  
E tirar os vermes de mim como pérolas grudentas.

Morrer  
É uma arte, como tudo o mais.  
Nisso sou excepcional.

MR e MFB iniciam com “contudo”, enquanto MA opta por um uso maior em “apesar disso”, e ReC propõem a expressão “no entanto”, elidindo a vírgula, e trazendo outro nível de fluidez. MR e ReC se pareiam no decorrer do verso. MFB elide o “idêntica” e vírgula, e reitera com “precisamente”, enquanto MA repete o “mesma”, e traz “exatamente”, denotando uma precisão. A repetição de MA pode ser lida como fastio, um efeito que compõe o poema. Para o segundo verso da estrofe, destaco a opção concisa de ReC, assim como MFB. ReC seguem o caminho da concisão e elidem o artigo do terceiro verso. O fonema “t” segue marcante na estrofe, como no original, com destaque para MA, que ao aumentar frases, aumenta também tal efeito.

MR recupera o seu uso de “aguentar”, do início de sua versão do poema, e cria assim um efeito interno que, apesar de não estar presente no original, comparece como correspondências. Vale mencionar que “aguentar” traz uma semântica que, em português brasileiro, recupera significados sexuais. Em outros momentos da escrita de Plath no mesmo poema, temos “I do it so it feels”, ou “to do it in a cell”. Esse jogo que aproxima sexo e morte é comum em muitas autorias, e entendo que MR consegue trazê-lo.

MR e ReC trabalham em especial o poder de concisão. Na estrofe terceira dessa seleção, MR alcança no último verso, com a elisão do comparativo, maior

efeito. Se distinguem, entretanto, no primeiro verso da segunda estrofe aqui. MR alcança um efeito fonético interessante com a reiteração do “r” final de palavras, bem como com o “t”. “Eu fechei em pedra” busca transpor “rocked shut” de uma forma que as outras autorias não fizeram. ReC trabalham com a oscilação a que se remete com “to rock”. MA acaba ressaltando também efeitos com a letra “s”, em “fosse”, “esse” e “tivesse”.

Em “to call and call” encontramos distinções curiosas. MR e ReC optam por transpor de forma próxima. MA e MFB optam por deixar os versos mais longos. Em “sticky”, temos “pegajosas” em MFB e MR, e “grudentas” em ReC e MR. Imagino se aspectos do português europeu e o brasileiro comparecem para essa distinção. ReC conseguem um jogo aliterativo com tiveram / tirar. Sobre o processo de retirar vermes”, a opção por “de mim os vermes” em MR e MFB, e “os vermes de mim” em ReC e MA, acabam por levar a direções distintas. No primeiro caso, parece que os vermes estão na pessoa. No segundo caso, os vermes podem até mesmo ser parte da pessoa.

Quando temos uma expressão tal qual “como tudo o mais”, em meio a um poema que termina com “devoro”, é possível pensarmos no “comer”, além do “como” em aspecto comparativo. Não que a gramática, por si só, o autorize. Mas as camadas de significação não são apenas gramaticais. Curioso também lembrar que “comer” tem conotações sexuais na língua, a nível de expressão popular, em especial, mas de uso corrente. De toda as leituras, a que mais se afasta dessa possibilidade, aqui, é a de MR. É interessante que isso aconteça justamente quando a autora elide a vírgula que está em Plath. ReC optam por uma construção mais concisa, como de praxe, e elidem o verbo no último verso da quarta estrofe dessa seleção. MA e MR utilizam o verbo fazer, e MFB utiliza executar, o que reforça o sentido de morte.

Temos, a seguir, as estrofes finais do poema.

### **Lady Lazarus, Sylvia Plath**

A cake of soap,  
A wedding ring,  
A gold filling.

Herr God, Herr Lucifer  
Beware  
Beware.

Out of the ash  
I rise with my red hair  
And I eat men like air.

**Lady Lázaró, por Mariana Ruggieri**

Um sabonete,  
Uma aliança,  
Um dente de ouro.

Herr Deus, Herr Lúçifer  
Cuidado  
Cuidado.

De dentro das cinzas  
Eu desponço, meu cabelo em fogo  
E devoro homens como ar.

**A Senhora Lázaró, por Maria Fernanda Borges**

Um pedaço de sabonete,  
Uma aliança de casamento,  
A coroa em ouro de um dente.

Herr Deus, Herr Lúçifer  
Tende cuidado  
muito cuidado.

Renasço das cinzas  
Com o meu cabelo fulvo  
E devoro homens como faço ao ar.

**A Senhora Lázaró, por Mário Avelar**

Um sabonete,  
uma aliança de casamento,  
a coroa de oiro de um dente.

Herr Deus, Herr Lúçifer

Acautelai-vos

Acautelai-vos.

Ergo-me das

cinzas com meus cabelos ruivos

e devoro homens tão facilmente como respiro.

### **Lady Lazarus, por Rodrigo Garcia Lopes e Cristina Macedo**

Barra de sabão,

Anel de casamento,

Obturação de ouro.

Herr Deus, Herr Lúçifer

Cuidado.

Cuidado.

Saída das cinzas

Me levanto com meu cabelo ruivo

E devoro homens como ar.

MR e MA optam pelo conciso “sabonete”. No caso de MR, isso reitera o som “t”, como feito em outros momentos. MFB traz o aspecto “pedaço”, também com “sabonete”, e ReC trazem “barra”, mas com sabão. Em ReC, temos repetição do fonema “b”. Vale remeter “sabão” à, também, ideia do que se faz com a gordura após a morte. ReC elidem artigos nesta primeira estrofe, como fazem de modo geral, e especificam que o anel é de “casamento”. MFB e MR também mantêm a palavra, mas usam “aliança”. MR usa esta palavra, e omite “casamento”, gerando ampliação semântica. “Sabonete” faz jogo fonético com “casamento”, em MA e MFB. Em ReC, “obturação” traz o som de “t” presente na palavra do verso pregresso. As outras autorias usam “dente”, ampliando aliteração e assonância com “casamento”. MA e MFB mencionam a “coroa”, e MR apenas diz do dente como de ouro. Tal opção citada acaba por trazer, necessariamente, realza, ainda que dentro da boca.

Os usos germânicos se mantêm consensuais na estrofe seguinte. Temos diferenças para “Beware. / Beware”. MA usa um registro bastante formal, e MFB altera um elemento de um verso para outro com “Tende” e “muito”. Assim, ela cria

um jogo de repetição de “t” e “d”. A seguir, temos por consenso que a origem do verso é das “cinzas”, mas as opções nos levam a lugares que se afastam em medidas. Despontar, se erguer, levantar, renascer. O uso de MFB, em específico, nos leva em direto ao Lázaro bíblico, e MA não fica distante desta proposição. Também MA reelabora a linguagem do último verso, e a torna mais próxima de um uso cotidiano. Quanto aos cabelos, ReC optam por “ruivo”, que propõe aliteração com “devoro”, e também MA, mas que alitera além, com “respiro”. MR traz o “cabelo em fogo”, saída lírica, e o forte jogo sonoro da estrofe fica com “o”: dentro / despono / cabelo / fogo / devoro / como, o que ecoa admiração e susto. MFB propôs “fulvo”, e o som se repete em “faço”.

## Transcrição selvagem

Além de reflexões, além de discussões, tenho aqui uma proposição. O entendimento de tradução selvagem que advogo é uma que leve em consideração uma comunicabilidade que evite uma lógica única da linguagem, que leve em consideração os entrecruzamentos de quem traduz como prática transcriativa, que entenda que este procedimento é político e trabalhe a partir disso, que vise um recorte da comunidade na linguagem transcriada (opostamente a uma ideia universalista), e que afirme possibilidades criativas frente a uma tentativa colonizadora de usos estanques. Ecoando os sentidos anteriormente trabalhados e vivências específicas de mim em corpo e de mim como parte de grupos, nestes sentidos, tenho a visão que se segue.

### **Bicha Senhora Leide Lázara, por Beta M. X. Reis**

É, fiz de novo.

Um ano em dez

Se guento –

Tipo um milagre ambulante, pele minha

Leva lâmpada Fascista brilhante,

Na cara

Todo o peso,

Meu pé sujo, seio

Não sabe de onde foi.

Cava o chão daí  
Inimigo, vixi,  
Assusto? –

Cu, pau, peito, dente?  
Ar adentre,  
Sumirá que sei.

Loguinho a corpa  
Engolida no jazigo,  
Vou estar em casa,

Só sorrindo. Eu  
pessoa aos  
trinteidois. Sou como uma gata

de sete mortes. Essa, a três.  
Que podrêra  
De fim de décadas.

E trocentos tentáculos.  
A gente toda come pipoca  
E curia

Abrem-me tode  
Meu anel, eu toda puta.  
Gente de bem,

Cabeça ombro  
Joelho e pé.  
Gordura e olho,

Oxe, e sou uma pessoa, não?  
Eu era moleca na primeira vez, vê.  
Foi sem querer.



Da segunda, querendo,  
E pra ser de vez.  
Me fechei

Bem tartaruga.  
Bateram tanto pra eu abrir  
E balançaram minhocas como iscas.

Morrer  
é uma arte, e pescar, e tudo.  
E eu mando bem.

De jeito que é trevas.  
De jeito que são novas.  
Eu levo jeito.

Arraso no quarto.  
Arraso e me quieto.  
É teatro e

Pode vir quando  
A luz estiver acesa, tudo igual,  
Geral grita:

“Demônia!”  
Fico besta.  
Eu cobro

Pra meterem a mão, eu cobro  
Pra berrar –  
Palmas, e é isso.

Eu cobro, eu cobro muito  
Mas ninguém dá nada  
E ainda dou sangue ou

Um pedacinho pra cada esquema.  
Mas, hein, Seu Dotô.  
E aí, Seu Coroné.

Sou sua monstra,  
Sou sua figa,  
Sou sua medusa favorita

E te empedro sem tu ver.  
Giro e viro.  
Nem preciso olhar tua cara.

Pedra, pedra –  
Toca, empurra.  
Nada de doce aqui –

Pamonha assada e sebo,  
Carteira de trabalho no óleo,  
Nada.

Seu Deus, Seu Presidente,  
Prestenção.  
Prestenção.

Do fundo da terra levanto  
Cabeça madeixas alouradas, veja,  
Devoro todo mundo de bandeja

**Lady Lazarus, por Sylvia Plath**

I have done it again.  
One year in every ten  
I manage it –

A sort of walking miracle, my skin  
Bright as a Nazi lampshade,  
My right foot

A paperweight,  
My face a featureless, fine  
Jew linen.

Peel off the napkin  
O my enemy.  
Do I terrify? –

The nose, the eye pits, the full set of teeth?  
The sour breath  
Will vanish in a day.

Soon, soon the flesh  
The grave cave ate will be  
At home on me

And I a smiling woman.  
I am only thirty.  
And like the cat I have nine times to die.

This is Number Three.  
What a trash  
To annihilate each decade.

What a million filaments.  
The peanut-crunching crowd  
Shoves in to see

Them unwrap me hand and foot –  
The big strip tease.  
Gentlemen, ladies

These are my hands  
My knees.  
I may be skin and bone,

Nevertheless, I am the same, identical woman.  
The first time it happened I was ten.  
It was an accident.

The second time I meant  
To last it out and not come back at all.  
I rocked shut

As a seashell.  
They had to call and call  
And pick the worms off me like sticky pearls.

Dying  
Is an art, like everything else.  
I do it exceptionally well.

I do it so it feels like hell.  
I do it so it feels real.  
I guess you could say I've a call.

It's easy enough to do it in a cell.  
It's easy enough to do it and stay put.  
It's the theatrical

Comeback in broad day  
To the same place, the same face, the same brute  
Amused shout:

'A miracle!'  
That knocks me out.  
There is a charge

For the eyeing of my scars, there is a charge  
For the hearing of my heart –  
It really goes.

And there is a charge, a very large charge  
For a word or a touch  
Or a bit of blood

Or a piece of my hair or my clothes.  
So, so, Herr Doktor.  
So, Herr Enemy.

I am your opus,  
I am your valuable,  
The pure gold baby

That melts to a shriek.  
I turn and burn.  
Do not think I underestimate your great concern.

Ash, ash –  
You poke and stir.  
Flesh, bone, there is nothing there –

A cake of soap,  
A wedding ring,  
A gold filling.

Herr God, Herr Lucifer  
Beware  
Beware.

Out of the ash  
I rise with my red hair  
And I eat men like air.

### **Guisado sem concluir, sem fechar, mas com fecheação<sup>4</sup>**

Além de reflexões, além de discussões, tenho, aqui, uma proposição. Ecoando os sentidos anteriormente trabalhados e vivências específicas de mim em corpo e de mim como grupo, tenho a visão que se segue.

Plath, em seu poema, dá um grito de vida após tentativa de se matar. Essa proposta aqui tenta ecoar vários gritos de vida possíveis a partir de lugares de vivência específicos. Ecoo reflexões de que para quem serve a tradução e a que grupos se comunica. Busquei recuperar tradições específicas, mas, em especial, meu intuito foi fazer acontecer outra voz possível para além de determinações gerais da língua portuguesa. Isso talvez não seja tradução da forma que se esperaria. Acredito, entretanto, que um dos problemas que temos é o excesso de formas esperadas, e mutilações que se seguem para caber. A quem interessa manter uma ideia de sentido único de texto? Ao que isso se presta? Quem se favorece?

Todas essas perguntas, e tantas outras que nem aqui formulo, ecoam. A intenção deste trabalho é falar contra limites, mas dentro dos próprios limites que operam, inevitavelmente, no idioma. Mas qual idioma e quem fala? Mais uma vez: eu nunca falo *só*, e se falo, *só* posso falar do que sou, fui e serei, pois nos confundimos com o que falamos, e somos à medida que nos expressamos.

Busquei trabalhar perspectivas de teóricas de tradução, também de teoria queer, cuír e decolonial, e busquei demonstrar como que traduções diferentes ensejam leituras diferentes e partem de escolham e reforçam sentidos. Ao fazer essa operação, busquei demonstrar que aproximações e distanciamentos possíveis de um original comparecem para enriquecer a diversidade possível de leituras. Quanto mais traduções se leia, mais interessante pode ser a vivência de leitura de uma pessoa. Cada tradução vai ter determinados objetivos e é cada vez mais importante a consciência da pessoa tradutora em seu procedimento. Essa consciência, se calcada apenas em teorias da tradução, acaba por reforçar uma monológica. Isso é em muitas medidas problemático, em especial no Brasil, um país no qual a leitura é, frequentemente, restrita a classes dominantes. E por falar em domínio, o domínio

---

<sup>4</sup> Fecheação: 1. Ato de dar muita pinta, 2. Fazer cena. (NASCIMENTO, 2015)

de leitura e da escrita é importante em vários sentidos, mas preciso salientar dois: 1) permitem que a pessoa possa ter controle de sua própria produção no mundo em um nível maior, 2) permitem que a pessoa possa exercer um senso de criticidade em relação ao que é posto e imposto.

Aqui, proponho um respiro, proponho uma devoração. Que a mesa das pessoas mais oprimidas possa ser mais farta, inclusive de palavras, bandejas cheias. Que possa haver um banquete, ao gosto das línguas, corpos<sup>5</sup> e dentes.

## Referências bibliográficas

- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dic. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 13 abril 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>.
- ANZALDÚA, G. Como domar uma língua selvagem. (Trad. Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos). *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 39, pp. 297-309, 2009.
- AVELAR, Mário. Sylvia Plath: o Rosto oculto do poeta. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.
- ARROJO, Rosemary. (1986). *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BAGNO, Marcos. *A norma oculta – língua & poder na sociedade brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. ISBN: 85-88456-12-5, p. 194.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico – o que é, como se faz*. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n. 11, p. 89-117, Ago. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 Jul. 2020.
- BOHANNAN, L. Shakespeare in the bush. In: *Natural History*, ago./set. 1966. Disponível em: <<https://www.naturalhistorymag.com/picks-from-the-past/12476/shakespeare-in-the-bush>>. Acesso em: 26 agosto 2020.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

---

5 O uso de corpos no feminino se tornou cotidiano entre agrupamentos LGBT+, presente inclusive na literatura mobilizada neste trabalho.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESTEVES, Lenita; AUBERT, Francis. “Shakespeare in the Bush”: história e tradução. Tradução & Comunicação, São Paulo, n. 17, set. 2008. Disponível em: <<https://seer.pgsskroton.com/index.php/traducom/article/view/2103>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

FRANCISCO, Reginaldo. Estrangeirização e domesticação: indo além de mais uma dicotomia. Scientia Translationis, Florianópolis, n. 16, p. 91-100, jun. 2016. ISSN 1980-4237. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2014n16p91>>. Acesso em: 27 ago. 2020. doi: <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2014n16p91>.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HALBERSTAM, J. Jack. Gaga Feminism: Sex, Gender, and the End of Normal, Boston: Beacon Press. 2012.

HALBERSTAM, J. Jack. Charming for the Revolution: A Gaga Manifesto. E-flux. Disponível em: <<https://www.e-flux.com/journal/44/60142/charming-for-the-revolution-a-gaga-manifesto/>>. 2013. Acesso em: 20 de Agosto de 2020.

INÁCIO, E. (2018). ALGUMAS INTERSECCIONALIDADES E UM TEXTO CUIR PRA CHAMAR DE “(M)EU”: RETRATOS DA PRODUÇÃO ESTÉTICA AFROUSOBRASILEIRA. Via Atlântica, (33), 225-240. <https://doi.org/10.11606/va.v0i33.146353>.

JORGE, M.A.C. (2000) Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan v. 1: as bases conceituais, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

JUNKES, Diana; REZENDE, Luiz Carlos de Brito; CAMPOS, Ivan Pêrsio de Arruda. “WHEN THE SUN GOES DOWN”: MELOPEIA E TRANSCRIÇÃO EM ON THE ROAD DE JACK KEROUAC. Cad. Trad., Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 127-146, Abril 2020. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-79682020000100127&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-79682020000100127&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 01 Ago. 2020.

LOURENÇO, Fernanda Maria Alves / Tradução de poesia: Emily Dickinson segundo a perspectiva tradutória de Augusto de Campos / Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador: Devires, 2017.



MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, p. 20-25, 2017.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. concinnitas, Rio de Janeiro, ano 17, volume 01, número 28, p. 334-354. setembro de 2016.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar?, 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cumestico-falar-e915ed9c61ee>

MOURA, J. R. F. Da Sombra às Cores: análise discursiva do dicionário LGBTs Aurélia. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ano 2018. Disponível em: < [http://www.ppglinguistica.letas.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2018/jonathan\\_moura\\_tese2.pdf](http://www.ppglinguistica.letas.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2018/jonathan_moura_tese2.pdf)>. Acesso em: 20 de ago. 2020.

NASCIMENTO, Francisco Arrais. Memórias da militância: memória da militância: a contribuição da organização do conhecimento para a memória do movimento lgbt da região do cariri cearense. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2699755](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2699755). Acesso em: 01 ago. 2020.

NASCIMENTO, Tatiana. O cuírlombo da palavra (y da palavra queerlombo...). Palavra, Pretal. Disponível em <<https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>>. 2018, Acesso em: 01 julho de 2020.

PLATH, Sylvia. ARIEL. Tradução de Maria Fernanda Borges, Ed. Relógio D'Água Editores, Portugal, 1997.

PLATH, Sylvia. Ariel (Edição bilíngue). Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lens de Macedo, 4. ed, Campinas, SP: Verus Editora, 2018.

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

RODRIGUES, A.; BRASILEIRO, C. V.; ZAMBONI, J. No entre-lugar do corpo, gênero, sexualidade e raça: encontros com outras crianças e infâncias. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (ReBEH), v. 1, p. 29-46, 2018.

ROZA, Luiz Alfredo Garcia. Freud e o Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

RUGGIERI, Mariana. Ponto Virgulina. Disponível em: <<https://traducaoliteraria.wordpress.com/2008/06/05/sylvia-plath-lady-lazarus/>>. 2008. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

SANTANA, Tiganá. Tradução, interações e cosmologias Africanas. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 39, p. 65-77, dez. 2019. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://pe->

riodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39nespp65>. Acesso em: 17 ago. 2020. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2019v39nespp65>.

SOUZA, Ana Helena. DONNE, AUGUSTO DE CAMPOS E A TRADUÇÃO CRIATIVA. Revista USP, n. 34, p. 134-150, 30 ago. 1997.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. Mana, abr. 2002, vol. 8, no. 1, p. 113-148. ISSN 0104-9313.